

Editorial

O v. 6, n. 2 da *Rebeca* abre com o **Dossiê** “Cinemas em português”, organizado por Michelle Sales, reunindo artigos de autores participantes do Seminário Temático homônimo da Socine. Como apontado pela organizadora, este ST, já tendo concluído seu tempo de vida, desenvolveu, desde o primeiro biênio (2011-2012), uma rede internacional de pesquisadores do Brasil, de Portugal e de países da África lusófona, a partir da qual testemunhamos um trabalho valioso de investigação sobre uma vasta cinematografia em língua portuguesa. No dossiê, contamos com a colaboração de cinco autora/es cujos artigos mapeiam desde relações de confluência entre essas cinematografias, passando por leituras mais pontuais, com recortes de tempo e autoria mais definidos, até os aspectos mais políticos das relações dos filmes com a história. Em “Camilo e Eça: alguns filmes”, Paulo Motta Oliveira concentra-se no diálogo entre o cinema do século XXI e as obras dos dois escritores portugueses do século XIX. No artigo seguinte, “Cinemas em português: estratégias para entrar e sair da lusofonia”, Michelle Sales discute o conceito de lusofonia, sugerindo que o termo não pode ser simplesmente compreendido como uma categoria fechada, mas pensado, de forma mais complexa, como um problema, cuja natureza fluida permite entradas e saídas. Em “O novo cinema português e o cinema novo brasileiro: o caso Glauber”, Paulo Cunha traça uma relação entre os cinemas novos do Brasil e de Portugal, a partir da figura do diretor brasileiro. Em “Passagem de imagens, imagens da passagem: a circulação de filmes ligados ao processo de independência moçambicano”, Lucia Ramos Monteiro estabelece um diálogo entre o filme *25*, realizado por José Celso Martinez e Celso Luccas, em Moçambique, e a instalação *Para Moçambique*, da artista moçambicana Angela Ferreira, percebendo, no trânsito entre as obras e no percurso alternativo das imagens relativas à independência, o que chamou de “imagens da passagem”. Fechando o dossiê, o artigo “*No Quarto de Vanda* e a trilogia de Fontainhas, de Pedro Costa: plasticidade, documentário, história encontrada”, de Miguel Angel Lomillos, retoma a obra de Costa em conversa com a tradição do

documentário e as teorias realistas de André Bazin e Siegfried Kracauer.

Na seção **Temáticas Livres**, abrimos com o artigo “Os quase-cinemas de Hélio Oiticica: experimentações transcinematográficas de instalação”, assinado por Natasha Marzliak e Gilberto Alexandre Sobrinho, que analisam a criação de Oiticica no contexto de mobilização sensorial de suas obras-experiência, focando, entre outras coisas, nas experimentações de sentidos que constituíam sua antiarte. No artigo seguinte, “O pioneirismo do documentário autobiográfico no cinema direto paraibano dos anos 1980”, Bertrand de Souza Lira analisa o curta-metragem *Sagrada Família* (1981), do diretor Everaldo Vasconcelos, como um marco inaugural do gesto autobiográfico no cinema documental paraibano. Em seguida, iniciando um bloco de três artigos dedicados à sonoridade e à música, o artigo “Leonardo Favio, entre lo testimonial y el espectáculo: sus películas como cantor”, de Lucía Agustina Rodríguez Riva, nos leva ao contexto da canção popular na Argentina, traçando um cotejo entre dois filmes protagonizados pelo cantor, compositor, ator e diretor Leonardo Favio, discutindo, na construção dos filmes, sua relação com a música e com o público. Outra relação com a música se dá em “Para ser lido no volume máximo: a década de Bowie e o *glam rock* em *Velvet Goldmine*”, de Lucio Reis Filho, que analisa os meandros do *glam rock* e os aspectos intertextuais do filme *Velvet Goldmine*, chamando a atenção para os diálogos com a obra de David Bowie no filme de Todd Haynes. Ainda em torno do som, o artigo “A escritura do som em sua inscrição na literatura e no cinema: o *leitmotiv* e o suspense em *Rebecca*”, de Sylvania Cristina Toledo Gouveia, aborda o papel do som como *leitmotiv* na construção do suspense hitchcockiano *Rebecca*. O artigo seguinte, “Expandindo as fronteiras intermediáticas: por uma ponte entre a adaptação e a transmídia, escrito por Camila Figueiredo, busca uma articulação entre as teorias da adaptação e a transmídia, defendendo a importância de se reconhecer não só as diferenças, mas também os pontos de contato entre os termos para melhor dar conta do cenário de produção cultural contemporâneo. Em outro artigo desta seção, Alex Santana França contribui com “As contradições do projeto da nação moçambicana pós-independência em *Virgem Margarida* (2012), de Licínio Azevedo”, apontando

as diversas maneiras como o filme constrói uma perspectiva crítica sobre o processo de independência que retrata, recusando-se a aderir a relatos oficiais para buscar novos olhares sobre o passado e complexificar o cunho histórico do filme. No texto seguinte, “Visões do excesso: o informe como afirmação do desconhecido no filme *O enigma de outro mundo*, de John Carpenter”, Alexandre Rodrigues da Costa aborda o cinema de gênero, ressaltando como o filme analisado desestabiliza os binarismos bem e mal, original e cópia, compondo uma heterogeneidade de corpos que o autor lê também na chave do informe, segundo Georges Bataille. Fechando essa seção, temos uma contribuição em francês de Hatem Kochbati, intitulada “Cinephilies: Nouvelle forme de reception filmique”, em que o autor discorre sobre as transformações que as tecnologias e a convergência digital proporcionam no exercício da espetatorialidade.

A seção **Entrevistas** apresenta conversa realizada pela pesquisadora Maria Raquel Paulo Rato com o diretor e produtor português Henrique Espírito Santo, que rica atividade de produção no chamado Cinema Novo português. A entrevista se articula em direta relação com a temática do dossiê que compõe essa edição.

Na seção **Resenhas e Traduções**, contamos com aguçado olhar crítico de Gabriela Ramos de Almeida, que contribui com “O ensaio fílmico como encontro entre o sujeito e o mundo por meio do cinema”, texto em que resenha *O filme-ensaio: desde Montaigne até Marker*, de Timothy Corrigan, publicado no Brasil em 2015 pela editora Papyrus.

Fechando essa edição, trazemos, na seção **Fora de Quadro**, o roteiro “Cutopia: aterrorizando o cinema clássico”, escrito por Ramayana Lira de Sousa. Composto com a tinta da experimentação, esse roteiro-artigo foi lido/performance na primeira sessão de trabalhos do Seminário Temático *Cinema Queer e Feminista* (coordenado pela autora juntamente com José Gatti e Maurício Gonçalves) no XX Encontro da Socine, realizado em outubro de 2016, na UTP – Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba. Na ousadia assumida pela forma não-acadêmica do roteiro, o texto coloca em estrutura dramática, a partir das falas de dois personagens, Corpo 1 e Corpo 2,

questões relacionadas a certas formas de sexualidades dissidentes no cinema narrativo de longa metragem.

É com esta edição que finalizo um trabalho de dois anos à frente da editoria da *Rebeca*, tendo assumido a tarefa de publicar quatro números *online* e uma edição em formato impresso (ainda inédito para a revista), que foi organizada por Denize Araújo, em torno da temática do XX Encontro da Socine - *Convergências do|no Cinema*. Materializando parte da memória do evento, com textos de palestrantes e outros participantes, a revista foi lançada no Encontro seguinte, em outubro de 2017, na UFPB, em João Pessoa. Tomei como objetivo primordial levar adiante a indexação e internacionalização da revista, a partir de processo já iniciado pela equipe editorial anterior, então constituída por membros da diretoria da Socine e Comitê Científico da gestão 2013-2015. De 2016 em diante, a revista passou a operar no *Open Journal Systems* (OJS), procedimento fundamental para aquisição de DOI/*Crossref*, dando continuidade às etapas de indexação da *Rebeca*. Atualmente, o acesso livre e aberto da revista também se dá, em chave internacional, em repositórios como DOAJ, *Latindex* e Diadorim. Além destes, há outros indexadores já em análise, como o *Redib* e *Latinrev*.

Ao longo desses dois anos, a *Rebeca* contou com a colaboração de editore/as convidado/as para cada dossiê, horizontalizando a dinâmica de participação e contribuição de colegas da área. Isso também ajudou a dinamizar o processo de avaliação, uma vez que cada conjunto de editore/as mobilizou uma rede de pareceristas *ad hoc* de acordo com a afinidade com os temas ou abordagens teóricas dos dossiês. A cada um/a desse/as editore/as, meus mais sinceros agradecimentos por seu precioso trabalho e dedicação para os dossiês da *Rebeca*. A todas as pessoas envolvidas no processo de avaliação e revisão dos textos publicados em todas as seções da revista, estendo esse muito obrigada. Por fim, agradeço de coração a Débora Rossetto por sua inestimável participação à frente da secretaria da *Rebeca*, desde 2014, quando assumiu não apenas o trabalho de

comunicação e operação interna do sistema, mas também a diagramação da revista, preparando-a para a publicação *online*. Além disso, teve papel fundamental nos encaminhamentos para a indexação, o que também significou todo um investimento de tempo e trabalho na migração da revista para o OJS. Com esse número, Débora se despede da Rebeca, deixando, certamente, uma memória de transformação e profissionalização, pelos quais somos honestamente gratos. Com sua saída, entendemos que a revista, no ponto em que se encontra atualmente, não pode prescindir de uma secretaria exclusiva. À atual diretoria da Socine, agradeço pela compreensão de que não é mais possível manter o andamento da revista sem essa exclusividade. Esse entendimento é fundamental para não comprometer a periodicidade da revista, a boa relação de comunicação com autore/as e pareceristas, bem como a indexação.

E, assim, eu também me despeço da Rebeca com este número, reconhecendo que a experiência foi de enorme aprendizado e de empenho em tentar manter o excelente trabalho já iniciado pelos antigos editores, e com a missão de preparar o terreno para a nova editoria, sempre vislumbrando um espaço de reconhecimento da Rebeca entre nossos pares, para a comunidade de leitoras e leitores atuais e para a/os que virão. Nesses dois longos anos de intensa transformação, espero ter contribuído de alguma maneira para o que entendo ser um trabalho de permanente movimento, que é o desafio de acolher o fluxo das demandas e dar corpo a uma revista acadêmica que se desdobra da consolidação de uma associação como a Socine. Agradeço, firmemente, a todo/as o/as que fizeram parte dessa minha passagem. À nova gestão da Socine e novo/as editore/as da Rebeca, sinceros desejos de bons ventos para a travessia.

Uma ótima experiência de leitura para todas e todos!

Alessandra Soares Brandão